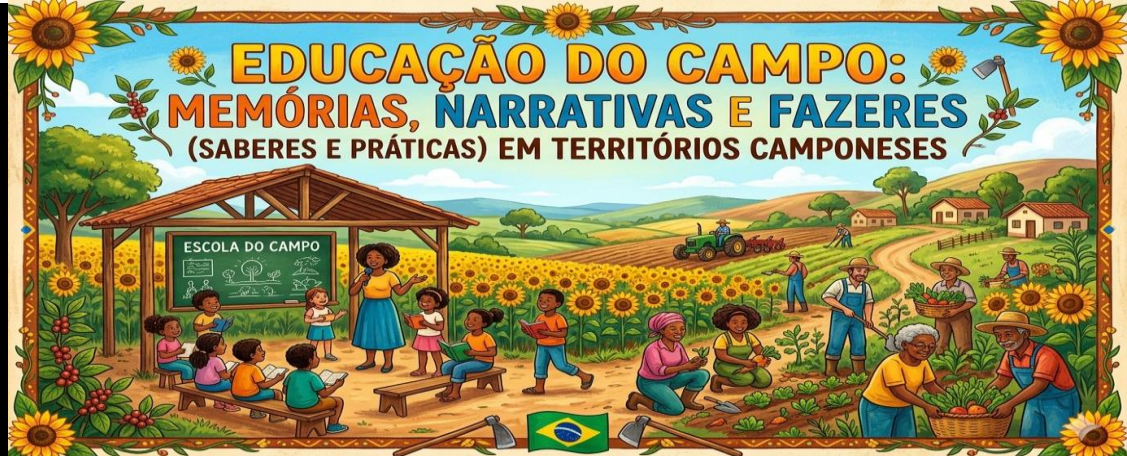




A CHUVA E O SOL NA VOZ DAS CRIANÇAS QUILOMBOLAS DA ILHA DE MARAJÓ-PARÁ

THE RAIN AND SUN IN THE VOICE OF QUILOMBOLA CHILDREN OF MARAJÓ-PARÁ ISLAND

Tatiana Cristina Vasconcelos Maia

Secretaria Municipal de Educação do Município de Belém/PA.

tat_maia@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6022-4263>

RESUMO: Este artigo é resultado do trabalho de pesquisa que venho desenvolvendo nos últimos anos com crianças na região da Ilha de Marajó, no Pará, mais especificamente na comunidade quilombola de Boa Vista, localizada no município de Salvaterra. A questão central foi: Quais as compreensões das crianças da comunidade quilombola de Boa Vista sobre a chuva e o sol e os saberes que estão relacionados a esses elementos da natureza? O objetivo do estudo é compreender as interpretações das crianças da comunidade quilombola de Boa Vista sobre a chuva e o sol e os saberes que estão relacionados a esses elementos da natureza. O estudo está ancorado em uma abordagem qualitativa com o tipo de pesquisa bibliográfica e de campo; as técnicas trabalhadas foram rodas de conversas com as crianças, encontros, escuta, brincadeiras e atividades nos mais diferentes espaços, na escola e na comunidade. Os resultados apontam que as crianças possuem seus próprios entendimentos e saberes sobre os elementos da natureza relacionados à chuva e ao sol e nos mostram a importância de referenciar seus saberes para a produção do conhecimento, reafirmando o protagonismo das crianças e a relação com o fortalecimento da identidade quilombola.

PALAVRAS-CHAVE: Compreensões das crianças. Chuva e sol. Comunidade quilombola. Marajó.

ABSTRACT: This article is a result of the research work that I have been doing during the last years with children of Marajó Island, in the state of Pará, specifically in the Quilombola community Boa Vista, located at Salvaterra municipality. The main question is: which are the quilombolas children of Boa Vista comprehension about the rain and the sun and the knowledge that are related to those/that elements of nature? The objective of this study is to comprehend the quilombola children of Boa Vista interpretations about the rain and sun as well as the knowledge related to those/that elements of nature. This study has a qualitative approach with the types of bibliographical and field research; the techniques worked were rounds of conversation with the children, meetings, listening, games and activities in different spaces, including school and community. The results point that the children have their own comprehensions and knowledge about the elements of nature related to the Rain and Sun and show us the importance of reference their knowledge to the knowledge production, reaffirming the protagonism of the children and the relation with the strengthening of quilombola identity.

KEYWORDS: Comprehension of children. Rain and Sun. Quilombola community. Marajó.

Introdução

O Marajó é um arquipélago de ilhas localizado no estado do Pará, considerado um dos maiores do mundo pela sua extensão geográfica, que compõe 17 municípios. Dentre os municípios do Marajó, destaca-se Salvaterra, que é uma das cidades do arquipélago que possui mais de 17 comunidades quilombolas no seu território; uma delas é Boa Vista, que fica a 10km do centro da cidade, reunindo pouco mais de mil moradores, possuindo uma única escola de Ensino Fundamental, onde estudam cerca de 200 alunos.

Nos últimos seis anos, trabalho com pesquisas no território de Salvaterra; este artigo é um recorte do que venho trabalhando na Comunidade Quilombola de Boa vista, no Marajó. Falar das compreensões das crianças sobre o sol e a chuva e dos saberes que as envolvem e que elas produzem reafirma o campo na sociologia da infância, especialmente das múltiplas infâncias, ressaltando as crianças como sujeitos de direito que produzem, relacionam e interpretam a realidade em que estão inseridas.

A formação da comunidade quilombola de Boa Vista teve início com a vinda de pessoas traficadas da África, que foram escravizadas para o estado do Pará. Muitos conseguiram fugir do chicote dos feitores, saindo das grandes fazendas em jangadas improvisadas na Ilha de Marajó. Localizaram-se às margens do rio Matupirituba, e de lá embrenharam-se na mata, em diferentes lugarejos, dando-se o processo de formação de pequenos povoados ou pequenos sítios (Memorial do Quilombo de Boa Vista, 2017, p. 2).

Durante muitos anos, a economia de Salvaterra concentrava-se em três produtos: o gado, o peixe e o coco-da-baía. Hoje, com o desenvolvimento da agricultura, mais especificamente na cultura do abacaxi, o município passou a incluir essa produção como uma das principais fontes de renda da economia local. Atualmente, o município conta com 443 hectares plantados, com uma produtividade equivalente a 30.000 frutos/ha, já tendo sido considerado o principal exportador do estado do Pará. Em segundo lugar, vem a mandioca, com uma área de 14 hectares plantados (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010).

Ao pensar sobre a realidade do Marajó, Salvaterra e a Comunidade de Boa Vista, os interlocutores deste estudo foram as crianças, posto que elas são também sujeitos de voz e produção de cultura, tal como Loureiro (1995, p. 391) enfatiza sobre a cultura amazônica, que é “[...] a herança transmitida de geração a geração, é partilhada pelos membros da sociedade regional, para constituí-la nesse mundo de águas e florestas”.

Nas relações estabelecidas com os mais velhos e com seus pares, as crianças aprendem a conhecer a sua ancestralidade, saber suas histórias, as especificidades que fazem parte do seu modo de vida, bem como as práticas socioculturais que são realizadas na sua comunidade. A forma com que as crianças que moram em comunidades tradicionais se relacionam com o mundo são diferentes – a natureza é a referência para as elas.

Interessa-nos entender de que maneira as crianças se conectam com a natureza, e a influência que ela exerce no seu pensamento, nas suas compreensões, seus saberes, bem como a forma com que elas se relacionam, especificamente, sobre a chuva e o sol.

A questão central da pesquisa buscou responder a seguinte questão: *Quais as compreensões das crianças da comunidade quilombola de Boa Vista sobre a chuva e o sol e os saberes que estão relacionados a esses elementos da natureza?*

O objetivo do estudo é compreender as interpretações das crianças da comunidade quilombola de Boa Vista sobre a chuva, o sol e os saberes que estão inter-relacionados a esses elementos da natureza, assim como a relação para o fortalecimento da identidade quilombola.

A metodologia está ancorada em uma abordagem qualitativa com o tipo de pesquisa documental e de campo; as técnicas foram as rodas de conversas com as crianças nos mais diferentes espaços da comunidade; nos momentos de brincadeiras; produção de desenhos com as temáticas da Lua e do Sol; e momentos de vivências nos espaços da comunidade.

As estratégias de método foram divididas em etapas, iniciando-se com a criação de uma estratégia para definir os caminhos da pesquisa, ou seja, como identificar e definir o perfil de crianças presentes na comunidade quilombola que pudessem protagonizar a construção de narrativas orais, escritas e imagéticas. Para esse perfil,

trabalhamos com crianças entre 6 e 12 anos idade, que aceitaram e foram autorizadas pelos seus responsáveis a participarem da pesquisa e do compartilhamento de suas vivências. Um total de 21 crianças fizeram parte do estudo, divididas em três grupos e organizadas conforme o planejamento para cada etapa da pesquisa de campo, sendo 13 meninas e oito meninos. O consentimento foi por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); e também autorizaram sobre seu desejo de participar das vivências que foram realizadas ao longo da pesquisa.

Consideramos relevante contribuir com a produção do conhecimento, na perspectiva sociocultural com as compreensões das crianças que vivem na comunidade quilombola de Boa Vista, enfatizando seu protagonismo e a importância de valorização dos saberes produzidos por elas, bem como a relevância dos seus saberes e a relação para o fortalecimento da identidade quilombola, da biodiversidade que as comunidades guardam.

A relevância acadêmica deste artigo contribui com os estudos sobre as crianças do campo, especificamente quilombolas; seus saberes e a relação com a natureza e o fortalecimento da identidade quilombola, mostrando a importância desses saberes adentrarem os espaços da escola e da sociedade como um todo, que, em certa medida, possuem uma visão distorcida, autocêntrica, empregando, em muitas situações e aspectos, pouca relevância sobre o que as crianças produzem e realizam.

A Comunidade Quilombola de Boa Vista-Marajó-Pará

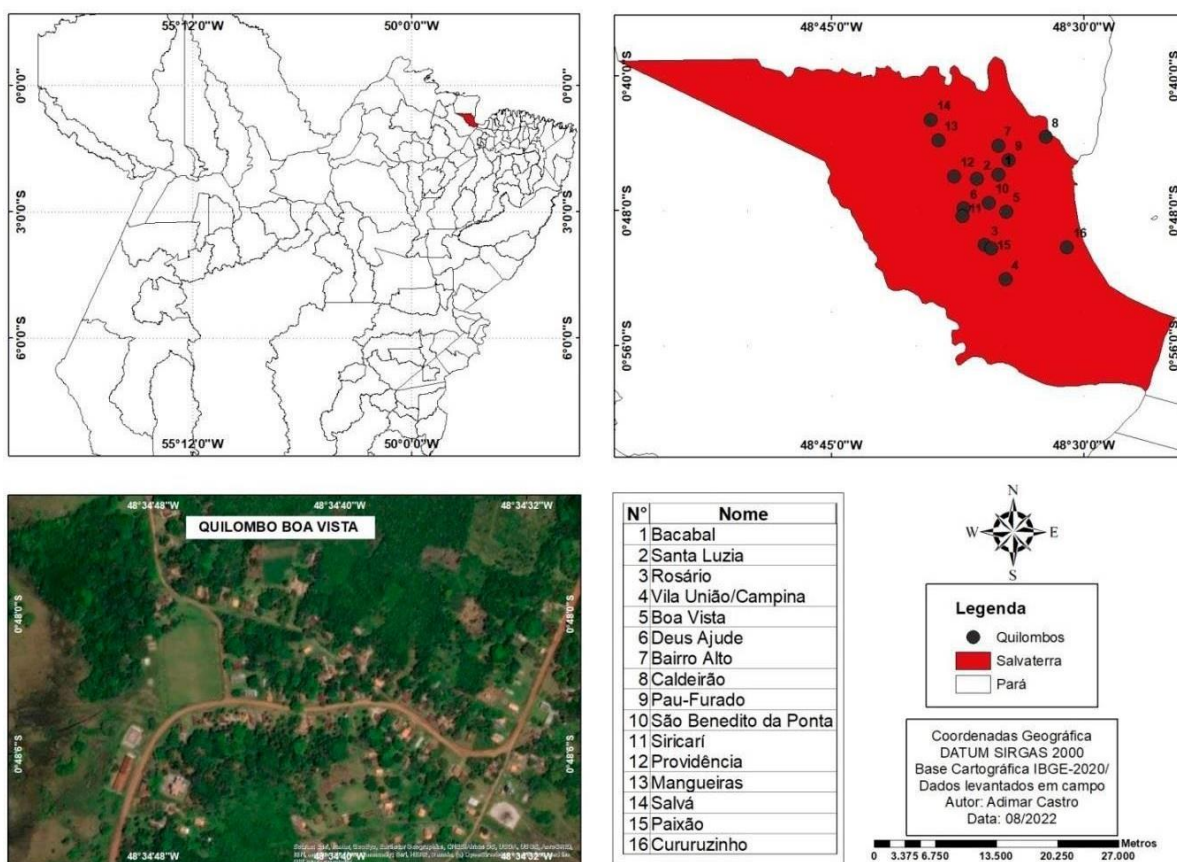
Como podemos perceber na Figura 1, a seguir, na comunidade quilombola de Boa Vista, as ruas são de chão batido; não há água encanada, nem energia elétrica, porém o acesso à internet é precário. Vivem atualmente na comunidade cerca de 130 famílias (Associação Quilombola de Boa Vista), que vivem da pesca, da plantação de mandioca, bacuri, abacaxi, e de programas de renda do Governo Federal, e alguns dessas famílias são funcionários da prefeitura.

Fig. 1. Comunidade de Boa Vista



Fonte: acervo da autora (2025).

Fig. 2. Localização do território quilombola de Boa Vista no município de Salvaterra, estado do Pará/Brasil



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Apresentamos, nas figuras 3-4, a localização de Salvaterra, os quilombos do território, que totalizam 18 comunidades, e o mapa dos espaços da comunidade quilombola de Boa Vista.

As casas da comunidade, em sua maioria, são de madeira, barro e alvenaria; possuem quintais com árvores frutíferas, um forno de farinha que serve para a produção e consumo próprio desse alimento, que faz parte dos hábitos alimentares dos moradores da região amazônica. É comum nas populações do campo esse cômodo, no fundo do quintal, denominado “casa de forno”.

Fig. 3. Forno de farinha



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

A comunidade de Boa Vista vem ao longo dos anos, especificamente a partir de 2012, realizando um trabalho de reconhecimento das práticas socioculturais com seus professores e estudantes, reforçando a identidade quilombola. Segundo Mendes e Farias (2014, p. 104): “A cultura, como conjunto de saberes, fazeres, regras, crenças, estratégias e mitos, se expressa pela diversidade, criatividade, inovação, sempre inacabada. Somos marcados pela unidade e diversidade da cultura”.

Dessa forma, entender como as crianças se relacionam com os elementos da natureza, com os períodos de chuva e sol, o que elas pensam e fazem, na época das chuvas e do verão, suas formas de brincar, aprender e o que pensam sobre a

natureza, pode dar indícios de como fazer trabalhos que valorizem a cultura quilombola amazônica, respeitando a história e os saberes que existem nas comunidades que são repassados de pais para filhos ao longo dos anos.

Fig. 4. Espaço da comunidade quilombola de Boa Vista



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

No Memorial de Boa Vista (2017), está registrado no histórico da comunidade remanescente do Quilombo Boa Vista os primeiros moradores, suas histórias e a relação com a identidade cultural quilombola da região, a qual nos leva a compreender a memória e as histórias contadas pelos moradores da segunda geração do quilombo. Essas pessoas são Griôs, sábios, guardiões de saberes que estão imbricados com a própria história da comunidade, além de serem grandes conhecedores das tradições, por serem mais antigos moradores dessa comunidade.

Uma das referências dos mais velhos moradores é Laurêncio Pereira Pinho, de 83 anos, também conhecido como “Tio Lôro”; durante a realização das vivências com as crianças, sua presença dele foi constante nas narrativas das crianças, que o reconhecem como um guardião e um dos responsáveis pela formação do quilombo de Boa Vista.

Fig. 5. Laurêncio Pinho – um dos moradores mais antigos de Boa Vista.



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

“Tio Lori” (Figura 5) conta histórias sobre o começo da comunidade. Segundo ele, “a formação de Boa Vista iniciou com a vinda de algumas pessoas que haviam sido escravizadas, e, por isso, fugiram das grandes fazendas, chegando de jangada na Ilha de Marajó” (Laurêncio Pinho. Entrevista concedida em nov. 2021). A partir de suas memórias, outros relatos de moradores de Boa Vista comungam as mesmas observações, como se encontra registrado neste relato:

O primeiro nome da comunidade foi “Velha Boa Vista”; segundo o Tio Lori, morador da comunidade, não há registros documentais que fundamentem a origem do nome Boa Vista. Segundo relato de dona Dalila Pereira, aos 86 anos, contou que o nome está relacionado ao lugar de uma bela vista aos moradores. Com as mudanças que aconteciam, os moradores sugeriram trocar o “velha” por Boa Vista (Memorial do Quilombo de Boa Vista, 2012, p. 4).

Pessoas que são parte da história da comunidade, como a escola de Boa Vista, têm realizado trabalhos envolvendo e valorizando essas pessoas que representam a tradição e resistência dessa comunidade: “ajudam a levantar questões referentes aos

aspectos da migração; do lugar de origem e dos movimentos de trânsito social entre espaço urbano e o rural” (Farias, 2006, p. 107).

Saberes das crianças quilombolas sobre a Lua e o Sol

As comunidades quilombolas possuem uma organização social em que as crianças aprendem desde muito cedo a se relacionarem com os elementos da natureza, compreendem a influência dos saberes socioculturais e narram as características dos períodos de chuva e de sol. Essas maneiras de aprender das crianças quilombolas estão garantidas na legislação, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Quilombola, com destaque para os seguintes princípios importantes para uma educação escolar quilombola:

X direito ao etnodesenvolvimento, entendido como modelo de desenvolvimento alternativo que considera a participação das comunidades quilombolas, as suas tradições locais, o seu ponto de vista ecológico, a sustentabilidade e as suas formas de produção do trabalho e de vida;

XVI - reconhecimento e respeito da história dos quilombos, dos espaços e dos tempos nos quais as crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos quilombolas aprendem e se educam (Brasil, 2012, p. 5).

Corroboramos com os princípios que a educação escolar quilombola, a importância na participação nas tradições, no respeito da história, reforçando os aspectos socioculturais e a relação com a natureza; entendemos que as crianças têm muito a dizer e a ensinar sobre a forma que tratam a natureza e o que compreendem e aprendem com ela, nos momentos em que estações do ano alternam para períodos mais chuvosos e mais ensolarados, por exemplo. Procuramos compreender as relações vivenciadas com a natureza.

Fica evidente na fala das crianças que elas gostam de estar em contato com a chuva e o sol, que os tipos de brincadeiras podem ser feitos nesses períodos, plantando frutas e colhendo-as nas duas estações, e também dos cuidados que devem ter com o meio ambiente, com a preservação da floresta e dos rios. As crianças ensinam nas relações com a chuva e sol as “[...] confluências” existentes com

o “bem viver” no respeito diário, entendendo que podem se relacionar com a chuva, brincando as margens dos igarapés sobre a luz do sol (Santos, 2023, p. 27).

As compreensões das crianças sobre os elementos que compõem a natureza, ditos por elas em suas narrativas, cheias de significados sobre os saberes e os aspectos socioculturais que vivenciam no cotidiano da comunidade de Boa Vista. Nesse aspecto, concordamos com Farias (2006, p. 46), quando destaca

[...] que todo educador deveria estar atento aos recursos cognitivos possibilitados pelas histórias. Longe de servirem apenas como algo lúdico e recreativo, tais narrativas abrem novos universos de significação para a vida e costuram conteúdos de diversas disciplinas em direção a um totalizador.

Compreensões das crianças sobre a chuva

“A chuva serve para molhar as plantas (Wallace Fernando dos Prazeres Aragão -10 anos)

“A chuva serve para molhar as plantas (Naline Lorana do Nascimento Dias 10 anos)

“Chuva serve para molhar as plantas” (Jeovane da Silva Figueiredo - 10 anos)

“A chuva serve para molhar as plantas. (Alicia Roberta Pereira dos Prazeres – 10 anos)

Fig. 6. Crianças tirando água do poço.



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Quando procuramos conhecer mais de perto a realidade sobre o uso da água potável da comunidade e entender como esses saberes tradicionais se destacam (Figura 7), pelas modificações geradas por tubulações e conexões hidráulicas, distanciando as crianças de outras famílias durante o ato de coletar água para o uso doméstico, corroboramos com a ideia de Maia: “com a imersão no cotidiano observado no campo da pesquisa, as crianças puderam revelar a sua relação com a natureza e a realidade sociocultural em que estão envolvidas nas relações estabelecidas com a comunidade (Maia, 2024, p. 71).

Fig. 7. Rio próximo à comunidade



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

A riqueza de detalhes com que cada criança conta as suas histórias exige que nós, pesquisadores, sensibilizados e, ao mesmo tempo, tocados, compreendamos como essas crianças produzem as narrativas sobre seus saberes e sua relação com a natureza. Dessa forma, pudemos relacionar as suas compreensões com o conhecimento das suas práticas, que têm relação, por exemplo, com o uso da água para a sobrevivência em uma relação diária e constante vivida pelas crianças dessa comunidade.

As compreensões das crianças que envolvem a água e os rios estão diretamente relacionadas ao contexto sociocultural em que vivem: “O rio é um fator dominante nessa estrutura fisiográfica e humana, conferindo um *ethos* e um ritmo à vida regional [...] Dele dependem a vida e a morte, [...]. O rio está em tudo” (Loureiro, 1995, p. 135).

Pesquisar a respeito das infâncias e entender como campo de conhecimento as suas narrativas, as suas compreensões de mundo, as formas de elaboração das suas ideias, a sua criatividade, o seu imaginário e a relação disso com seu contexto sociocultural foi fundamental para desvelar os interesses e as relações de construção do conhecimento das crianças e, assim, elucidar seus entendimentos sobre o tema. Foi preciso perceber de que maneira isso está correlacionado, ou não, com o trabalho no planejamento da escola, localizada em um território quilombola, já que não estudamos o cotidiano de qualquer criança. Não pudemos desprender essa questão, uma vez que crianças quilombolas possuem sua própria realidade.

Importante enfatizar que por fazerem parte de uma comunidade quilombola, as crianças são constituídas pelos saberes presentes na comunidade, e que ao serem instigadas a falar, esses saberes aparecem e demarcam sua memória biocultural, interligada e entrecruzada com os saberes que vêm da natureza, com os quais as crianças convivem.

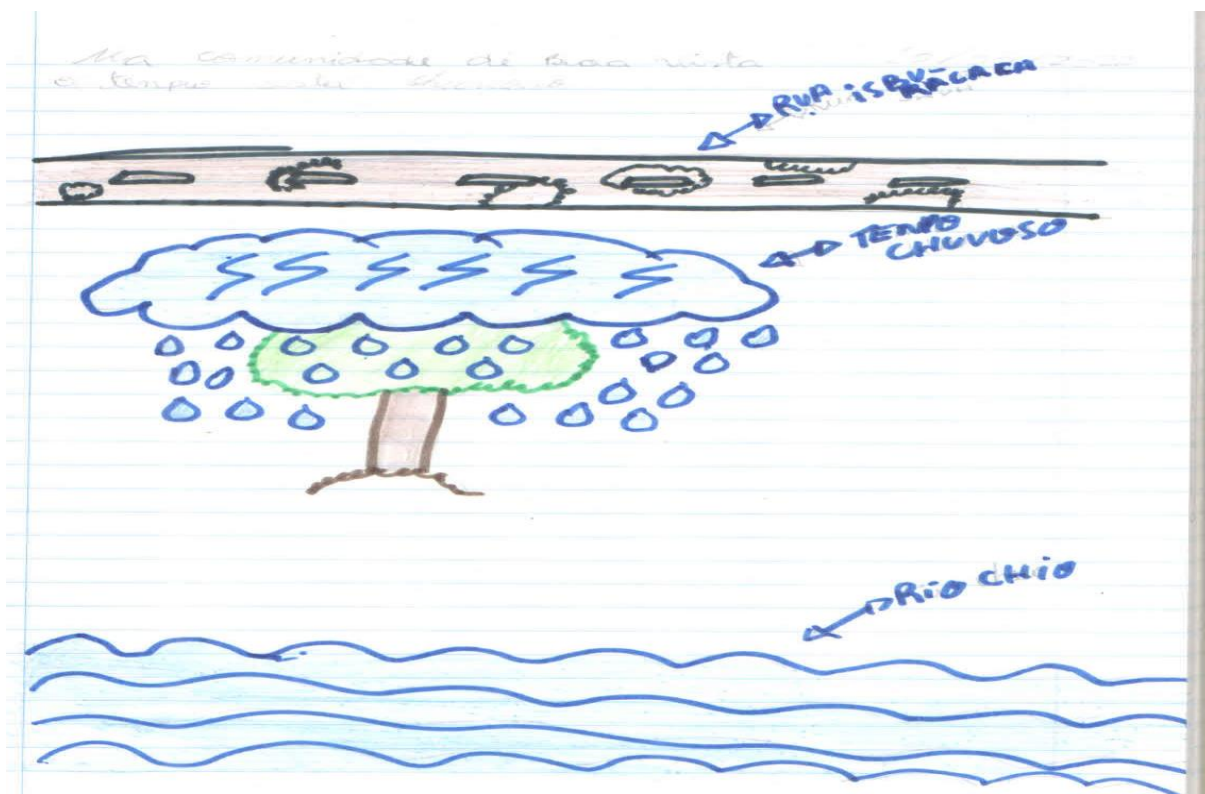
Ao analisarmos as compreensões das crianças, corroboramos também com a ideia de Almeida (2017, p. 47), que destaca que “[...] o dispositivo narrativo do conhecimento científico é sempre reconhecido como representante legítimo e verdadeiro das coisas, dos fenômenos e dos homens”.

Para entender as imagens produzidas pelas crianças, fruto da recriação diária que fazem do cotidiano que vivem, a partir de suas relações com a natureza, recorreremos ao que Loureiro (1995) denomina de “conversão semiótica”. Por meio dela, procuro compreender o simbolismo e o imaginário que habitam a memória das crianças, sobretudo nas suas práticas socioculturais do fazer diário, que dão vazão aos múltiplos saberes que possuem e partilham.

A comunidade, especialmente referente às crianças e suas vivências, reforçam as afirmações defendidas por Arroyo, Caldart e Molina (2011, p. 13): “É preciso educar para um modelo de agricultura que inclui os excluídos [...] que aumenta as

oportunidades de desenvolvimento das pessoas e das comunidades [...] centradas em uma vida mais digna para todos e respeitadora dos limites da natureza.”

Fig. 8. Desenho da criança sobre o período de chuva



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Isso traduz o que Loureiro (1995, p. 11) nos diz sobre a “conversão semiótica”, quando o homem amazônida “[...] transforma, recria, ressignifica, reformula, sumariza ou alarga sua compreensão das coisas, suas ideias, por meio do que vai dando sentido à sua existência”. Através dos desenhos produzidos pelas crianças, compreendi o significado que elas dão ao meio ambiente e a própria relação com a natureza e com o bem viver.

Ao analisarmos o desenho sobre a chuva, a criança expressa que as ruas ficam esburacadas, os rios ficam cheios e, dessa maneira, alguns peixes desaparecem, ficando difícil subir e brincar nas árvores durante o período das chuvas. Seus desenhos e narrativas sobre a natureza expressam a cultura e as suas experiências na comunidade, ou seja: “as relações com a natureza estão presentes na

formação e no desenvolvimento sociocultural das crianças em várias dimensões, pela escuta aprendida no convívio com a natureza” (Pojo; Vilhena, 2013, p. 142).

Considerações finais

Os resultados desta pesquisa evidenciam as contribuições e as percepções que as crianças têm acerca da natureza, especificamente sobre a chuva e o sol, expressando seus saberes, contribuindo para o fortalecimento da cultura amazônica – os saberes tradicionais e o fortalecimento da identidade quilombola.

As crianças de Boa Vista realizaram vivências na comunidade, com visita aos espaços de convivência, escuta de histórias e demonstraram seus saberes, indicando caminhos para o fortalecimento da identidade quilombola, por meio do seu protagonismo e da valorização da produção de conhecimentos das crianças.

Suas compreensões podem ser caminhos que interligam saberes, constroem pontes e reafirmam a importância dos saberes, a partir do que *sabem* e *pensam* sobre os elementos da natureza. Portanto, neste artigo, o recorte foi a chuva e sol, como foram potencializados e seus aprendizados e suas experiências.

Os elementos da natureza e a relação que as crianças estabelecem, criam e recriam múltiplos saberes que interferem no cotidiano das comunidades, os trabalhos com as infâncias do campo, localizados nos estudos da sociologia das infâncias, desvelam realidades, em certa medida, desconhecidas.

Ressaltamos a necessidade de continuidade de mais pesquisas nessa direção, revelando, registrando o potencializando o que a crianças quilombolas contribuem e produzem na relação com a natureza; e os mais velhos, como essas experiências, podem contribuir com o currículo da escola quilombola e com outros ambientes que elas possam interagir e conviver. É urgente compreender o que as crianças produzem e pensam!

Referências

1. ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.
2. ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (org.). **Por uma Educação do Campo**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
3. BRASIL. Parecer Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica nº 16/2012, 5 de junho de 2012. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, seção 1, p. 8.
4. BRASIL. **Resolução Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica nº 8, de 20 de novembro de 2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. p. 416-423.
5. FARIAS, Carlos Aldemir. **Alfabetos da alma**: histórias da tradição na escola. Porto Alegre: Sulina, 2006.
6. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades**: dados populacionais. Brasília: IBGE, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/salvaterra/pesquisa/36/30246>. Acesso em: 23 out. 2019.
7. LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: CEJUP, 1995.
8. MAIA, Tatiana Cristina Vasconcelos. **Narrativas de crianças Quilombolas e suas relações com a natureza**. 2024. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemáticas) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2024.
9. MEMORIAL DO QUILOMBO DE BOA VISTA, 2017.
10. MEMORIAL, 2012.
11. MENDES, Iran Abreu; FARIAS, Carlos Aldemir (org.). **Práticas socioculturais e educação matemática**. São Paulo: Livraria da Física, 2014. (Coleção Contextos da Ciência).

- 12.POJO, Eliana Campos Toutonge; VILHENA, Maria de Nazaré. Crianças ribeirinhas da Amazônia paraense. In: SILVA, Izabel; SILVA, Ana Paula; MARTINS. Aracy (org.). **Infâncias do Campo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 135-148.
- 13.SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).